

PAPARADOXO

*um conto de
dois tempos*

João Carlos R. Caribé

Paradoxo

Um conto de dois
tempos

João Carlos Rebello Caribé

Direitos autorais © 2024 João Carlos
Rebello Caribé

Registro na Câmara Brasileira do Livro
(CBL) em 18/01/2024

Este trabalho de João Carlos Rebello
Caribé está licenciado sob a Licença
Atribuição-Não Comercial 4.0
Internacional Creative Commons. Para
visualizar uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> ou mande uma carta para Creative
Commons, PO Box 1866, Mountain
View, CA 94042, USA.

Design da capa: Foto, por do sol da meia
noite na Finlândia, acervo particular.

Não vemos as coisas
como são: vemos as
coisas como somos.
Anais Nin

A imaginação é mais
importante que o
conhecimento.
Albert Einstein

Ao meu filho, a quem o
futuro pertence.

Índice

1. O espetáculo	7
2. O dia seguinte	18
3. Vai se atrasar!	27
4. O paradoxo	35
5. Revivendo.....	46
6. Encontro comigo	55
7. E agora?	65
8. Riscos memoráveis	72
9. Novo despertar.....	82

1. O espetáculo

A primavera no Rio de Janeiro produz verdadeiros espetáculos no céu, principalmente ao nascer e por do sol. Céu azul, nuvens coloridas, pintadas como se fossem uma aquarela, laranja, amarelo, vermelho, rosa, um verdadeiro degradê a partir do horizonte. Um espetáculo digno de aplausos. Qual o carioca nunca bateu palmas para o por do sol, ou decidiu esperar o sol nascer na praia depois de uma boa noitada?

Hoje foi um dia especialmente quente, o sol parecia estar no máximo, sua luz ofuscava quem ousava andar na rua sem óculos escuros. A maioria das pessoas preferiu fugir do sol, se trancando em seus espaços privados, carros, escritórios, comércio e casas, ou onde quer que tenha uma sombra ou ar condicionado. Realmente tinha pouca gente na rua, a intensidade da luz do sol estava incomodando mais que o calor, parecia que tinham dois sois ligados.

No final do dia, o sol decidiu se despedir em grande estilo, produzindo um espetáculo único, não me lembro de ter visto nada tão extraordinário antes, o mais próximo disto foi quando vi o por do sol da meia noite na Finlândia. No verão, o sol naquela região do planeta, se põe a meia noite e nasce em torno das três da manhã, é o período em que os finlandeses passam a maior parte do tempo fora de casa.

Mesmo assim não tem comparação, o céu está especialmente rosado, é comum acontecer do céu ficar rosado, mas nunca vi uma luz rosa avermelhada tão intensa, que vai do vermelho até o rosa, nenhum tom laranja ou amarelo desta vez. A sensação é que o por do sol está em câmera lenta, parece estar demorando mais do que o normal, talvez porque eu esteja apreciado intensamente cada detalhe.

A luz vermelho rosada do sol esta colorindo tudo, um espetáculo impressionante, e ao mesmo tempo

assustador. É estranho olhar para cima e ver tudo rosado, intenso, indo até o vermelho. Tudo em volta parece ter este mesmo tom, como se esta luz rosada estivesse pintando o mundo. Prédios, montanhas, pássaros, carros, pessoas, para onde se olhava, estava pintado de rosa.

Parecia o fim do mundo, um espetáculo único, intenso e inebriante. Se estivéssemos num daqueles filmes apocalípticos, certamente tudo iria se desintegrar rapidamente, nos tornando mera poeira cósmica, junto com tudo em nossa volta. Em seguida esta poeira seria sugada pelo buraco negro que se formaria, onde antes estava o planeta terra, sem deixar nenhum vestígio de sua existência.

Muita gente assistia ao espetáculo, das janelas, varandas e das ruas, carros paravam para assistir, e tudo ocorreu num silêncio absoluto, assustadoramente silencioso. Era tudo muito lindo, muito impressionante e ao mesmo tempo assustador, inédito.

A imaginação estava a mil, mas a beleza do firmamento transparecia uma calma fora do comum, não parecia ser o fim do mundo, mas também não me importava se fosse, mesmo duvidando que a natureza estaria proporcionando aquele espetáculo por mera demonstração de força ou vaidade.

Temos uma mania de buscar propósito em tudo, propósito na vida, na carreira, é propósito pra lá, propósito pra cá. Perdemos muito tempo em busca de propósitos, ou de justificar a própria existência. Os propósitos nos acham, e são mais simples e voláteis do que imaginamos.

Acredite, você não precisa de nenhum outro propósito além da busca pela felicidade individual e coletiva, todos tem este direito, e a felicidade está nas coisas simples, a felicidade está em nós, este é o propósito da vida. Os japoneses sintetizam esta busca na forma do conceito do Ikigai, uma conjunção que possibilita encontrar o seu real propósito, e somente você pode fazer isso.

Esta busca existencial acaba nos ofuscando, nos deixando confusos, e na maioria das vezes deixamos de ver a beleza da vida, e refutamos em acreditar que muitas coisa acontecem por mera casualidade. Devemos continuar pensando como crianças, elas certamente estão assistindo o espetáculo sem questiona-lo e sem buscar significado, apenas apreciando e imaginando.

Me despedi de minhas elocubrações e fiquei admirando aquele espetáculo em seus mínimos detalhes, pela perspectiva da minha criança interior.

O céu estava bem avermelhado no horizonte, como se estivesse ressaltando os contornos do planeta e das montanhas. Depois vinha clareando até um tom bem rosado no firmamento, as poucas nuvens também pareciam algodão doce cor de rosa, num tom mais escuro, assim como os pássaros que passavam. Parece que colocaram um filtro rosa no planeta, lindamente assustador.

Tinha uma formação bem peculiar, as nuvens formaram uma espécie de circunferência gigantesca, parecia um gigantesco buraco para o céu, na verdade as bordas deste buraco lembravam uma aurora boreal rosada, discretamente ondulavam e cintilavam. Imagine só, aurora boreal por esta região do planeta... Estou mesmo com minha criança interior a toda, imaginando até isso...

A luz invadia minha casa, pintando tudo de rosa, do teto a parede, nada passava imune à pintura celestial. A maioria das luzes ainda estavam apagadas, possibilitando observar tudo sendo tomado por esta tinta celestial, a natureza estava compondo mais uma grande obra de arte.

Os pássaros passavam em frente a minha varanda, como de costume, mas hoje pareciam silenciosos, como se estivessem venerando o mesmo espetáculo. Até as maritacas que voavam em bandos barulhentos, estavam voando em silêncio. Tudo parecia absurdamente silencioso,

talvez porque estava tão focado em ver, que ouvir passou a ser secundário.

Admirei aquele espetáculo até o último suspiro do sol, e bati palmas, que espetáculo! Não me importei de estar longe da praia para bater palmas para a despedida do sol, aquele espetáculo não poderia acabar sem receber as merecidas palmas. Ouvi alguns vizinhos batendo palmas também, estava todo mundo admirado. Mesmo a lua cheia, com sua luz amarela e seu belíssimo halo, que chegou mais tarde, iluminando a noite, não impressionou tanto como aquele por do sol majestoso.

Foi um espetáculo único, daqueles que você só assiste uma vez na vida.

Segui na varanda, em estado de graça, tentei ler, escrever, ou ver a TV, mas nada parecia tão interessante, estava em êxtase.

Mais tarde, o por do sol virou notícia, matérias falando do espetáculo, vídeos e imagens capturados em todo país, e até em alguns países da America Latina. O

espetáculo foi exclusivo naquele momento e na América Latina, nada de especial aconteceu em nenhum outro continente. Teria relação com a anomalia magnética do Atlântico sul? Me veio logo à mente, coincidência? Talvez não, talvez sim, pode ter tido relação, quem vai saber?

Decidi olhar nas redes sociais, e o tema estava nos “trends” nacional. Muitos vídeos, fotos, e algumas notícias. Tinha muita gente falando dos efeitos luminosos, mas também tinha muita gente falando sobre o silêncio, a percepção do silêncio foi generalizada. Diversos relatos de que até os veículos pareciam transitar sem emitir nenhum ruído, engarrafamentos silenciosos. Um fenômeno inusitado, como se alguma coisa tivesse abafado ou absorvido qualquer ruído durante aquele espetáculo.

Os cientistas não sabiam explicar o fenômeno ainda, o conjunto de variáveis permitiam formular diversas hipóteses, mas o fato do fenômeno ter ocorrido somente na América Latina os deixavam

intrigados, e abria ainda mais o leque de possibilidades para a anomalia magnética do Atlântico sul. Em breve teríamos as explicações científicas, mas até lá as especulações e apropriações tomariam o debate.

Não demorou, e logo começaram a surgir teorias malucas e inusitadas. Religiosos fanáticos dizendo que era um sinal do apocalipse, outros diziam que o fenômeno havia sido a abertura de um portal dimensional na América Latina, que naquele momento sugara apenas o som para outra dimensão. Outros diziam que a fenda dimensional permitiria viajar no tempo, para isso seria necessário encontrar o local certo, no momento certo. Se tem uma coisa que não tem limite, é a imaginação do ser humano, que como sempre segue buscando significados e propósitos em tudo.

Mas realmente fiquei intrigado, um espetáculo daquela magnitude e com diversos efeitos bizarros não poderia ser apenas um efeito atmosférico qualquer, ainda mais localizado apenas na América

Latina. Fiquei pensando na ausência dos ruídos, como foi possível uma cidade ficar totalmente silenciosa? Realmente não lembro de ter ouvido ruído dos veículos que passavam na rua, não me lembro de ter ouvido literalmente nada.

Portal dimensional... quanta imaginação, quer dizer que abriu um portal dimensional na América Latina, que por quase uma hora transportou o som para outra dimensão... Realmente o som sumiu, “deram um mute” na cidade...

Geralmente na hora em que o sol se põe, o fluxo de veículos fica bem intenso aqui na minha rua, é barulho de motor, buzina e a gritaria das crianças chegando da escola, mas hoje não me lembro destes sons. Antes do espetáculo estava ouvindo música, e não me lembro de ouvir nada na hora...

Muitos fatos intrigantes, muitas dúvidas, um prato cheio para as teorias conspiratórias...

Aos poucos fui relaxando, imaginando o espetáculo que havia assistido, as dúvidas foram sendo dissipadas pelas lembranças, acho que nunca mais irei esquecer este dia, um verdadeiro presente para um povo que sofria no meio de uma pandemia...

2. O dia seguinte

Acordei antes do despertador, o sol iluminava meu quarto a medida em que surgia, sem nenhum efeito especial, desta vez invadia pela janela como de costume, avisando que o dia já estava começando.

Ainda dava para sentir aquele friozinho que se despede da madrugada e abre espaço para o calor do astro rei. Sempre gostei desta sensação, mas raramente consigo acordar cedo o suficiente para senti-la. A vida já dava seus sinais, os pássaros passavam de um lado para outro, cantando e fazendo aquela bagunça, inclusive as barulhentas maritacas, também tinha, como sempre, barulho de carros, buzinas e aqueles irritantes sinalizadores de garagem!

Tenho observado um aumento significativo de pássaros, tanto na quantidade como diversidade, passando em frente a minha varanda, volta e meia, até garças que planam lentamente elevando aquele pescoço em forma de “S”. Não consigo imaginar de onde elas vieram e nem para onde vão, e muito menos porque minha janela fica no caminho delas, mas seguiam em seu elegante planar.

Com o isolamento social, por conta da pandemia, há registros no mundo todo, de animais ocupando espaços urbanos. Não sei se este aumento foi por esta razão, ou pelo simples fato de ter feito as pazes com a minha varanda, neste isolamento, passando nela boa parte do meu tempo, e observando o que antes não prestava atenção.

Já que havia acordado cedo, fui tomar meu café. Alexa! Bom dia! Ela acendeu a luz da cozinha, falou alguma curiosidade, a previsão do tempo, a agenda do dia e finalmente as notícias. A maioria das notícias eram sobre o evento de ontem,

falaram dos efeitos ainda inexplicáveis, do sumiço do som, da formação das nuvens, mas nada esclarecedor, apenas que cientistas da América Latina de diversas áreas estavam formando um grande grupo de trabalho para estudar o fenômeno...

Meu robozinho acaba me fazendo companhia nos dias em que tomo café sozinho, e até mesmo nos dias em que estamos todos na cozinha. Ao longo do dia é Alexa, toca música, acende a luz, apaga a luz, me lembra de fazer isso ou aquilo tal hora, coloca na minha agenda, coloca na lista de compras, um brinquedinho interessante. A meta agora é comprar um robô aspirador para fazer companhia para ela. Adoro tecnologia e paradoxalmente conheço bem seus riscos, inclusive com relação a privacidade e perda de autonomia, mas todos nós temos uma dose de incoerência na vida não é verdade?

Um pouco da minha infância, e daquilo que sonhava como seria depois do ano 2000, estava ali na minha frente. Descobri

na meia idade, que o Hall 9000 de 2001
uma odisseia no espaço, na verdade se
chamava Alexa!

Que lembrança boa! Quando era bem
pequeno, a família estava toda reunida em
Rio das Ostras, em frente a uma TV preto
e branco, não muito maior que 14
polegadas, assistindo o homem pousar na
lua. Tenho lembrança das pessoas
olharem para o céu para ver o foguete se
aproximando da lua. Juro que não vi, mas
acreditei quando disseram ter visto.

Ver aquela euforia, e aquelas coisas que
não compreendia despertou minha
curiosidade sobre o futuro, tecnologia e
vidas em outros planetas. Sempre adorei
ficção científica, não perdia um episódio
de Perdidos no Espaço, Túnel do Tempo,
Terra de Gigantes e Os Jetsons, e muitos
outros programas que você nunca ouviu
falar... lembranças de quem já passou dos
cinquenta!

Eu ainda lia ou conversava sobre o tema,
sempre fui um consumidor voraz de
ficção científica. Agora os serviços de

streaming oferecem uma variedade interminável de filmes e séries sobre futuro, viagens no tempo, singularidade tecnológica, e outras bem legais de ficção científica, e mesmo assim ainda não perdeu a graça para mim... Adoro!

Cresci falando sobre o futuro, adorava imaginar como seria no ano 2000. Tinha uma conversa sobre o futuro, alienígenas ou exploração do espaço... eu estava lá! Todo mundo imaginava que no ano 2000 teríamos carros voadores, robôs cuidariam da casa para nós, nossas refeições seriam desidratadas, bastaria adicionar um pouco d'água morna e aquela pílula se transformaria num belo strogonoff. Falaríamos em nossos relógios de pulso, e não teríamos que nos preocupar com o trânsito, bastava pegar nosso carro voador, e sair de nossa casa orbital para o escritório, ou o escritório seria na nossa casa. No final de semana iríamos para nossa casa na Lua ou para um resort em Marte... Passava horas conversando, lendo e imaginando sobre como seria o futuro...

Finalmente chegou Dezembro de 1999, meu filho iria vivenciar a virada do

milênio, mais ou menos com a mesma idade que vi o homem pousar na lua. O assunto do momento na internet era o bug do milênio, confesso que estava preocupado, imaginando o caos anunciado, pelos computadores enlouquecidos. O ano 2000 chegou, os computadores não enlouqueceram, e também não tínhamos carros voadores, apenas os mesmos carros poluentes de sempre. Nossas casas continuaram a ser as mesmas, construídas com tecnologia arcaica do século retrasado. Ninguém tinha casa na Lua, e o homem ainda não havia chegado em Marte. A comida continuava a mesma, só que quase tudo que comíamos agora era transgênico ou quimicamente processado, esta foi a evolução da comida.

Ainda não existiam computadores poderosos e pequenos o suficiente para carregar no bolso ou na mão. Mas já tínhamos aqueles lap tops desajeitados que pesavam uns cinco quilos e precisava plugar na parede a toda hora porque a bateria não durava mais que duas horas, e ainda tínhamos de achar um ponto de rede

para acessar a Internet, porque wifi não existia, daí puxávamos da bolsa de lap top o cabinho de rede, todo mundo tinha um, e lá estávamos nós plugados na grande rede. E quando não tinha rede, conectávamos o telefone fixo na entrada fax-modem, que fazia uma conexão discada, depois de um barulho peculiar, a internet se abria na incrível velocidade de 56Kbps... Nenhum robô cuidava da nossa casa, eles continuavam apenas nas linhas de montagens das fábricas.

Eu era um dos privilegiados que possuía telefone celular, por conta do meu trabalho, eu tinha de estar acessível onde estivesse. Usava meu Teletrim¹ para receber mensagens urgentes, e adora ostentar meu Palm Pilot² quando queria anotar um compromisso na minha agenda ou passar o meu contato usando sua luz infravermelha. Ainda fazia aquela cara de

¹ Teletrim era um equipamento que recebia mensagens tipo SMS

² Palm Pilot era uma espécie de agenda eletrônica

soberba quando o meu interlocutor não tinha Palm Pilot com receptor infravermelho. Deixa eu lhe dar meu cartão convencional então, eu dizia.

Engraçado lembrar destas coisas, como éramos tão soberbos com tecnologias tão obsoletas...

Quem sabe daqui a cinco ou dez anos pensaremos o mesmos dos nossos robôs de voz, aspirador, potentes smartphones e relógios inteligentes? Estamos na era do pensamento exponencial e complexo, e tudo acontece de forma incremental e acelerada.

Amo tecnologia, sou um dos famosos “Early Adopters³”, adoro testar todas as novidades, mas hoje em dia amadurecemos e nos tornamos mais práticos e realistas... Quem estou tentando enganar? Eu não resisto a uma novidade,

³ Early adopters é o perfil de consumidores que costumam ser os primeiros a adquirirem um novo produto ou serviço.

quanto mais tecnológica. É novo? Quero saber!

Alexa me lembrou que tinha médico as 10h, e já eram quase 9h, devo ter ficado divagando no tempo e por muito tempo. Hoje acordei especialmente pensativo, pode ser alguma consequência do espetáculo de ontem. Ainda estou anestesiado, tranquilo, sentindo uma paz que há muito tempo não sentia, sabe aquela sensação de plenitude, de que tudo tem solução, de que nada irá te atrapalhar, pois é estava assim...

3. Vai se atrasar!

Você vai se atrasar! Lembrou minha esposa, e ainda completou:

- Você fica divagando e vai se atrasar para o médico... Acelere homem!

Tomei um banho rápido, me vesti, e antes de sair, o protocolo básico de 2020: Álcool gel no bolso, mascara e faceshield. Numa parte da mochila tudo que iria usar, e na outra, dentro de um saco plástico, a carteira e celular, uma mascara e um saco plástico extras. Estava pronto para imprevistos, sabia que teria de trocar a máscara no médico.

Com tanto paramento eu parecia um astronauta, e realmente ficava esquisito, mas havia se tornado natural nos novos tempos. Estamos vivendo uma pandemia,

é um evento trágico, tenso e transformador, as pessoas ainda buscam a volta à normalidade, mas não existe mais aquele normal de 2019, ele era o problema, o novo normal é outro, e ainda não está definido, estamos todos no mundo VUCA⁴. O futuro ficou ainda mais volátil, incerto, complexo e ambíguo. De uma hora para outra, uma ameaça microscópica, tirou o mundo do roteiro. O futuro já não seria como imaginado, previsões e estudos sobre o futuro próximo estão tendo de ser revistas, muitas previsões aceleraram, e outras se tornaram obsoletas ou inviáveis, mas continuamos sem perceber estas mudanças, apenas acreditando que tudo continua igual...

Pela primeira vez a humanidade do século XXI está vivendo uma disruptura de verdade.

⁴ https://pt.wikipedia.org/wiki/Volatilidade,_incerteza,_complexidade_e_ambiguidade

Em boa parte da minha vida profissional e acadêmica, o termo disruptura se fez presente, desde a teoria da singularidade tecnológica, como o entendimento de mercados e tecnologias disruptivas. A expressão significa que algo inesperado irá surgir e reconfigurar o normal, seja ele o mercado ou tecnologia.

Michael Porter já havia previsto a tal disruptura quando descreveu seu modelo de matriz de força do mercado, ao incluir uma força chamada “ameaça de produtos substitutos”.

O físico teórico Fritjof Capra escreveu um livro inteiro sobre isso, o “Ponto de mutação”. Para Capra, a sociedade poderá caminhar para um ponto de eminente colapso, e surpreendentemente tudo vai se ajustar, a sociedade entraria numa nova era de forma abrupta e consistente. Na verdade a obra de Capra é muito mais complexa que isto, ela trata da complexidade de aspectos da vida em torno de um pensamento sistêmico e complexo, que no final das contas irá

produzir, em termos práticos, o que eu falei antes.

Existem inúmeras obras literárias e cinematográficas que tratam da disruptura, mas na prática nunca houve de fato uma disruptura, aconteceram evoluções exponenciais, mas nada que pudesse ser descrito como disruptivo surgiu... até agora.

A pandemia esta provocando essa disruptura na economia e na sociedade. Negócios precisaram se adaptar rapidamente, escritórios se dividiram em home office, a telemedicina se tornou imprescindível, e as pessoas tiveram de aprender rapidamente a se proteger do novo vírus, e a conviver no novo ambiente onde família, escola e trabalho habitam o mesmo espaço ao mesmo tempo.

Nunca tivemos de ser tão resilientes, mas muitos ainda tentam ser resistentes, e buscam a volta da normalidade que nunca mais vai acontecer, o novo normal será outro, é nele que temos de focar.

Me olhei no espelho, e me vendo todo equipado, parecendo um astronauta com aquele faceshield de bordas laranjas, imaginei como seria se eu viajasse no tempo e encontrasse aquele garotinho curioso que fui. Ele iria ficar feliz da vida imaginando que no futuro seríamos todos astronautas...

Alexa avisa que está na hora de sair... Ô robô chato, fica interrompendo meus pensamentos...

Minha esposa me lembra:

- Não esquece de trazer o que te pedi.

Já esqueci, o que ela pediu... Ai caramba, vou me lembrar no caminho, senão eu mando uma mensagem para ela...

Abri a porta, calcei meu tênis, higienizei as mão com álcool gel, como se estivesse preparando para uma missão espacial. Decidi ir caminhando, era um dia normal como qualquer outro, apesar do entardecer único de ontem. Na banca de

jornal fotos do céu rosado estampavam as manchetes. Tinha até uma matéria sensacionalista sobre ruptura no espaço tempo... gente doida... Me lembrei das teorias absurdas de fenda dimensional que li ontem nas redes sociais.

Meu lado criança gostaria muito que tivesse sido mesmo uma ruptura no espaço tempo, imagina só uma fenda dimensional, tipo Túnel do Tempo!? Mas meu eu adulto e racional, me fazia achar aquilo tudo ridículo, que eu adulto e racional chato pô!...

Na verdade, frente aos os eventos de 2020, e para quem estava vivendo em uma pandemia, ruptura espaço tempo seria apenas mais um evento bizarro. Imagina se chegasse uma frota de espaçonaves? Seria um evento interessante, mas apenas mais um evento exótico na conta de 2020... Na verdade estava rolando uma naturalização estranha com estas coisas, mas necessária para não pirar nos dias de hoje. Esta pressão psicológica que vivemos me parece ser um catalisador de mudanças profundas no indivíduo e na sociedade, esta pesado,

mas seguimos sobrevivendo, um dia após o outro...

Fui caminhando, passei pela mesma calçada quebrada de sempre, na frente do mesmo prédio que não termina nunca. Carro pra cá, carro pra lá, buzina, fumaça, e eu pensando que a esta altura estaríamos massivamente usando bicicletas. Trabalhando em casa, e consumindo produtos e serviços em uma economia distribuída... Andar de bicicleta parecia mais sensato, mas acho que ainda não temos cultura para isso. Os mesmos personagens típicos do bairro estavam nos seus lugares de sempre, fazendo as coisas de sempre. Coisas de sempre... Parece que a vida estaciona quando pensamos assim, fazer as coisas de sempre, todos os dias repetir tudo como um ritual. Me lembrou aquela frase atribuída à Einstein “Loucura é fazer todo dia a mesma coisa, e acreditar que um dia o resultado será diferente”. Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante mesmo, Raulito era um profeta.

É curioso vivermos enclausurados em uma constante rotina, e ao mesmo tempo

falarmos em propósito, um propósito demanda ação, inovação, e viver desta forma parece contraditório. Como vamos cumprir objetivos rodando em círculos? É compreensível que no trabalho, muita coisa seja rotineira, assim como na manutenção da casa e da vida, mas o resto nunca deveria ser rotina. Deveríamos sempre buscar conversar com pessoas diferentes, fazer caminhos diferentes, escolhas diferentes, e porque não, inovar onde podemos? Coma algo diferente em uma das refeições, durma com os pés na cabeceira, acorde mais cedo ou mais tarde um dia, troque as mãos para comer, leia um livro novo de um tema novo, não reprima aquela criança que quer descobrir o mundo, não seja aquele adulto chato que vive pensando só nas obrigações. Não passe vontade, viva a sua única vida.

La vem a questão do propósito novamente, será que temos mesmo propósito? Chegamos neste planeta com uma missão? Ou apenas seguimos agindo e reagindo como forma de nos mantermos vivos até o dia seguinte?

4. O paradoxo

J á estava quase chegando no consultório do meu médico, fica no mesmo prédio onde tive um escritório há 20 anos. O prédio tem uma calçada larga, de uns cinco metros, mas hoje em dia fica até difícil transitar de tanto camelô.

Como eles aumentaram, indicando que está faltando emprego, a pandemia e a crescente automação do trabalho tomaram muitos postos de trabalho. Mas ainda podemos pensar em políticas públicas mal elaboradas, afinal o mercado de trabalho está tão desequilibrado como a economia em tempos de pandemia. Independente da pandemia, vejo com certa angustia que as pessoas não estão se preparando para o futuro do trabalho, ou o futuro sem ele.

Isto me lembrou uma situação, em que fui apresentar uma pesquisa sobre vigilância cega em um seminário de Big Data, e na hora de ir embora, dois jovens me abordaram, e acabamos caminhando juntos pelo centro do Rio. O mais jovem falou que ainda iria prestar o ENEM, e nos dois ficamos surpresos, e ele comentou que ainda não havia escolhido uma carreira, e pediu minha opinião. Primeiro comentei das perspectivas do futuro do trabalho e do mundo VUCA, e depois sugeri que ele optasse por fazer a graduação nas disciplinas mais genéricas, que evitasse as disciplinas extremamente especializadas, porque o risco da profissão dele não existir mais quando ele se formasse era muito grande. Depois, como ele iria ter de se atualizar a vida toda, poderia fazer algumas especializações em nível de pós-graduação.

De volta ao mundo real, me despeço de meus pensamentos, e percebo que já estou chegando na calçada do prédio do meu médico, ando com cuidado para não pisar nas mercadorias expostas no chão, atento

para chegar a meu destino, mas olhando para baixo, andando com cuidado, acompanhando meus passos. Levanto o pé para não pisar em uma toalha que estava com mercadorias no chão, jogo o corpo para o lado para não baixar o pé no lugar errado, e então... quando desço o pé, não havia mais nada no chão...

...tudo ficou sereno, silencioso por uma fração de segundo. Por alguma razão me lembrei do céu rosado de ontem, achei até que o chão havia ficado rosado, devo ter imaginado como teriam ficado as pedras portuguesas brancas com o reflexo daquela luz e acabei projetando minha imaginação nos meus olhos.

Percebi que ficou mais fácil andar na calçada, já não tinham mercadorias expostas no chão, será que já tinha passado do mar de mercadorias? Levantei a cabeça e vi apenas duas barraquinhas na minha frente, por curiosidade olhei para trás instintivamente, e não vi nada além de outras duas barraquinhas de camelô.

Quando voltei a olhar para a frente percebi que as pessoas estavam me

olhando. Eu sorri, como se alguém pudesse ver meu sorriso atrás da máscara. Fique imaginando, deve ser a barba branca, me confundiram com algum ator... barba branca com máscara? Achei graça da situação, na verdade não me incomodei com a sucessão de eventos, sabe aqueles dias em que você está em paz consigo e não quer briga com ninguém? Então, estava de boa e nada me incomodava ou me tirava de minhas elocubrações.

Acho esta expressão muito boa, elocubrações, é uma forma de dizer imerso em seus próprios pensamentos... Eu elucubro, tu elocubras, nós elucubramos...

Voltando meus olhos para o mundo que me cercava, percebi que meu “traje espacial” chamava a atenção das crianças que me olhavam com curiosidade, umas riam outras apontavam, mas invariavelmente eram reprimidas por seus responsáveis. Deixa as crianças serem crianças, pensei, a infância é um piscar de

olhos e é tão bom ver o mundo repleto de novidades nesta idade.

Me lembrei de estar um dia no elevador do mesmo prédio, e entra uma mãe e uma criança que devia ter uns cinco anos. A criança olhou para minha barriga e começou a esticar o braço, a mãe começou a estampar uma expressão de pavor, até que senti o dedinho tocando na minha barriga e o menino falou:

- Esta precisando fazer uma dieta hein!

A face da mãe mudou do pavor para a vergonha, e só comentei:

-Ainda sinto saudades de quando era criança e podia me expressar com inocência, sem os protocolos sociais que nos obrigam a fingir entender que crianças são mini adultos.

Nunca mais esqueci daquela cena, foi divertida...

- Senhor! Ô senhor!

Foi quando percebi que o segurança estava falando comigo, e respondi:

- Diga?

O segurança foi incisivo:

- O senhor não pode andar com esta máscara e esta coisa de plástico aí, parece até que o senhor vai pra lua.

Por um instante pensei: Que raios ele está falando? Como eu não posso me proteger? Comecei a ficar irritado, e daí percebi.... Putz! Mas esse cara eu conheço, me lembra de um segurança que tinha aqui no prédio, é muito parecido.... mas ele já se aposentou... será que é filho dele? Quase que intuitivamente perguntei:

- Você é filho do Edinho?

E ele fez uma expressão esquisita e respondeu:

- Não senhor, eu sou o Edinho!
- O senhor me conhece?

Foi aí que eu levei um choque, e olhei a minha volta, as pessoas continuavam a me olhar como se eu fosse um ser interplanetário, ou algum sujeito exótico. Todo mundo sem máscara, e antes de fazer algum julgamento observei que estava tudo diferente, muitas lojas estavam iguais no passado. Comecei a olhar em volta e observei que eu era de fato um alien por ali.

Comecei a ficar nervoso, achei que estivesse delirando, será que desmaiei na calçada e estou imaginando tudo? Será que a tal da teoria da ruptura dimensional era verdade? Não pode ser, isso não é verdade.

- Senhor? Tá tudo bem?

Perguntou o segurança, e em seguida perguntei:

- Eu estou em pé? Você está me vendo?

Depois de uma rápida gargalhada o segurança respondeu:

- O senhor é um gozador, é claro que está de pé e falando comigo, eu perguntei se estava tudo bem, porque o senhor ficou pálido de uma hora para outra. Tira essa fantasia daí para poder respirar, e vai ficar tudo bem.

Eu perguntei que dia era hoje, depois de tanto ver ficção científica de viagem no tempo, não parecia nem ser uma pergunta estranha, alias me senti um verdadeiro clichê dentro de um dos meus tipos de ficção favorita, viagem no tempo. O susto foi quando o segurança respondeu com naturalidade:

- Hoje é Terça-feira, 15 de Outubro.

Ta, mas hoje é realmente 15 de Outubro, daí mais clichê ainda perguntei em que anos estávamos. Ele começou a rir e falou:

- 2000 até onde sei.

Gelei novamente, isso não pode verdade, será que estou num daqueles programas

de pegadinha, não pode ser 2000, estão querendo me deixar maluco.

Corri até a banca de jornal mais próxima e olhei a data nos jornais expostos, buscando provar que estava ficando todo mundo doido. E lá estava: Terça-feira, 15 de Outubro de 2000!

Estava juntando gente para ver aquele maluco fantasiado de astronauta desesperado folheando jornais na banca de jornal, daí me toquei e tirei a máscara e o faceshield e guardei na minha mochila. A multidão foi dispersando... Banca de Jornal! E estava cheia de jornais e revistas, realmente estamos em 2000. Voltei para o prédio, desta vez bem desorientado, afinal em 2000 o meu médico ainda nem tinha se formado!

Fiquei observando as lojas e as pessoas, muitas eu conhecia, mas elas pareciam não me reconhecer, me ignoravam como ignoramos estranhos na rua, ...ao menos era o que eu achava.

O segurança me interpelou novamente, desta vez foi pra falar que parecia muito com um cara que tem um escritório no prédio, e me perguntou se eu era parente dele.

Por um minuto pensei: Já que tinha viajado no tempo seria uma oportunidade única de poder conversar comigo mesmo, apesar de não fazer a menor idéia do que iria dizer.

Respondi ao segurança que era tio dele, mas que iria fazer uma surpresa. Perguntei a que horas ele costuma descer para almoçar, apesar de eu saber...

O segurança me falou que ele costumava descer em torno das 13:00 para almoçar no restaurante asiático que tinha no prédio.

Me lembrei deste restaurante, eu realmente o adorava. Me lembrei que comia sushi a kilo, eles tinham a melhor banana caramelada que ja havia provado, e o sorvete empanado? Até hoje não sei

como faziam aquilo sem derreter o sorvete.

Agradei e pedi ao segurança para não falar que eu estava aqui. Disse que iria fazer uma surpresa no restaurante, e caminhei para lá.

No caminho fiquei pensando, porque só o segurança de alguma forma me reconheceu, nem um dos outros funcionários e lojistas que eu conheci, nem mesmo me olharam, interessante...

5.

Revivendo

Percebi que ainda faltavam mais de três horas para o encontro inusitado, daí resolvi fazer o que mais gosto, caminhar sem destino e deixar a mente fluir.

Antes fui fazer um teste, entrei numa das lojas onde o dono era conhecido de infância, falei com ele, fiz algumas perguntas sobre os produtos e novidades, conversamos um pouco e ele não me reconheceu. Mas porque razão o segurança de alguma forma me reconheceu?

Fui para a rua, os prédios eram os mesmos que lembrava de 2000, até aquela velha padaria estava lá, eles tinham um strudel delicioso, e lá estava ele me olhando, que saudade daquela iguaria.

Desviei minha atenção para a rua, os carros antigos agora novinhos em folha. A papelaria, depois das livrarias, as papelarias e bancas de jornal era onde eu sempre gostei de passar o tempo. Eles sempre tinham o que precisava, e se não tivessem encomendavam e me entregavam no dia seguinte.

A quantidade de casas era enorme, dava para ver ao longe, poucos edifícios altos, a explosão imobiliária que aniquilou as chácaras ainda não havia ocorrido. Passei em frente a casa de um velho amigo, ele provavelmente estava trabalhando a esta hora, mas sabia que ainda morava lá. Quase não tinham farmácias. também, nunca entendi porque elas se multiplicaram tanto, será que ficamos mais doentes em 2020? Não lembro de existirem tantas farmácias em outros países que visitei, só mesmo no Brasil.

Eu sempre imaginei que quando pudesse viajar no tempo iriar poder reviver intensamente momentos do passado, mas percebi que estava sendo um mero espectador, e não passaria muito disto.

Fiquei horas pensando, como iria abordar o eu mais jovem, o que eu falaria, e o que omitiria. Eu sabia muito bem quem eu fui, e sabia como aborda-lo, e até ser convidado para almoçar com ele.

O dilema em torno que eu poderia falar, ou não, ocupou meus pensamentos...

Eu tinha mais de 20 anos de informação privilegiada, tinha o poder de mudar a vida dele, e a minha é claro, mas também tinha o poder de mudar muita coisa no país e no planeta. Ter tanto poder assim me deixou bastante ansioso.

Me lembrei que em abril de 2001, ele iria ser convidado para ir a Nova Iorque falar do seu modelo inovador de negócios. Mas aí veio a visão do 11 de Setembro, do mesmo ano, e do que aconteceu no ano seguinte, quando os investidores de risco resolveram rever seus investimentos em Internet. Foi quando a minha empresa quebrou, pelo tamanho da inadimplência colateral de meus clientes. Foi um aprendizado, naquele momento percebi

que a economia era um ecossistema, e que eventos indiretos podem atingir empresas distantes.

Voltando ao 11 de Setembro, cheguei a pensar como seria se eu contasse a ele o que iria acontecer. Iria transforma-lo em herói... ou vilão, ele iria a Nova Iorque em abril, como ele explicaria saber de um evento que ocorreria em setembro? Quem acreditaria em viagem no tempo? Certamente seria perseguido, sofreria horrores, pois não existiria uma explicação plausível, certamente ele seria suspeito, de alguma forma, de participação naquele atentado...

Eu também sabia que a empresa dele iria quebrar, quando e como, e sabia também que estava desenvolvendo um projeto de e-learning que poderia ter dado muito certo, seria um dos pioneiros, mas também sabia que ele não daria muita importância a este projeto. Mas se eu dissesse que esta seria a salvação da empresa dele?

Bitcoins! Poderia transforma-lo num dos milionários do bitcoin, iria sugerir que ele o minerasse desde o surgimento da criptomoeda.

Sabia quais empresas de tecnologia iriam valorizar, e quanto, poderia sugerir que ele comprasse algumas ações.

Também sabia quais poderiam ser os parceiros estratégicos, e quais as tendências, podia até fazer uma cronologia para orientar os projetos dele.

Sabia quais tecnologias iriam surgir, quais iriam se tornar popular, e quando. Ele poderia ter o melhor e mais preciso planejamento estratégico da história da humanidade. E o único com certezas ao invés de hipóteses.

A cada idéia a imaginação voava, imaginava como seria a vida dele, e a minha é claro. Cada idéia levava a uma viagem, no início foi só alegria, mas comecei a perceber que isto poderia afetar quem me tornei. Gosto muito de quem sou hoje, e sei que teria de abrir mão de

muitas experiências construtivas, e na verdade não consigo saber exatamente quais foram mais ou menos construtivas.

A partir deste ponto as idéias foram ganhando um tom de racionalidade cada vez maior.

Mas se eu só falasse dos bitcoins? Que experiências moldaram meu caráter? Quais foram irrelevantes? Do que eu abriria mão? Quantas vidas seriam afetadas além da minha?

Olhei discretamente no meu celular dentro da bolsa, e já eram quase 13h. O celular estava ligado, mas sem sinal, afinal a tecnologia que ele usa para se comunicar ainda não havia sido inventada. Imagina se alguém visse meu iPhone? Certamente iriam desconfiar que eu não era daquele tempo, as telas touch ainda engatinhavam, assim como a resolução de vídeo. Eu tinha no bolso um computador 180 vezes mais rápido do que o mais potente computador de mesa daquela época.

Estava bastante ansioso, conversar com uma pessoa que você conhece profundamente é agradável, previsível, e frutífero, mas ainda assim é uma pessoa que você não conhece inteiramente, e sempre haverá momentos surpreendentes. Por outro lado, conversar consigo é uma experiência pela qual ninguém passou, é bem diferente daquela conversa na frente do espelho, é um paradoxo temporal inédito, do eu comigo mesmo, mas de tempos diferentes.

Imaginei como poderia ser fazer perguntas já sabendo todas as respostas e reações... Penso que até certo ponto chegaria a ser covardia, porque nos vivemos as mesmas histórias e as mesmas experiências até a idade dele, daí pra frente só eu vivi as histórias e experiências que ele ainda viverá.

Mas diferente de mim, ele vai viver uma experiência que eu não vivi e que não esta registrada no meu eu, o encontro comigo mesmo. O que poderá acontecer depois deste ponto de inflexão é imprevisível, como dizia Heráclito - ninguém pode se

banhar duas vezes no mesmo rio - porque tudo muda, e a gente muda a todo momento. Somos o resultado contínuo das nossas interações, ações e decisões, se duas pessoas conversam, elas não serão mais as mesmas depois disto, cada uma absorveu um pouco da outra.

O que poderá resultar desta experiência é muito importante, porque nenhum de nós seremos mais os mesmos depois dela, por menor que venha a ser a diferença, ele não será mais eu, e eu não serei mais eu, ambos seremos novas pessoas, quando retornar ao meu tempo, algumas coisas poderão estar diferentes.

Mas e se eu não tiver viajado no tempo, apenas fui para uma outra dimensão, que tem um eu, mas que não é exatamente eu, e que viverá todo seu futuro em uma dimensão paralela, desta forma o que eu fizer não irá impactar a minha vida, mas impactará a dele. Mas que certeza eu teria disto? Não tenho nem certeza se estou vivendo uma realidade!

Depois de muito refletir, chegou a hora do encontro que eu tanto esperava, e com a certeza de que eu ainda não fazia idéia do que iria falar...

6. Encontro comigo

Me posicionei em um ponto estratégico do saguão do prédio, onde eu poderia ver quando ele passaria para almoçar.

Não demorou muito tempo, e sai do elevador o cara com a camisa social para dentro da calça social, com o celular de flip pendurado na cintura, um teletrim no outro lado e o Palm Pilot no bolso da camisa. Eu sabia que ele se achava uma espécie de super estrela, o último biscoito do pacote, de fato na área dele ele era. Ainda mais depois de uma matéria jornalística na qual ele foi “batizado” de Pai do Flash no Brasil. Flash era um poderoso software, da Macromedia, para criar interfaces multimídia na Internet, que fazia muito sucesso naquela época, em que o acesso a internet era discado e a

56 Kbps, a banda larga estava começando. Hoje minha conexão banda larga é 10 mil vezes mais rápida..

Hoje eu acho graça dos códigos de vestimenta, mas naquela época eu levava isso muito a sério. Nos velhos tempos de COMDEX e FENASOFT, era possível ver a turma da Microsoft de terno e gravata, com um broche da Microsoft no peito, e no outro extremo a turma da Apple de calça jeans e camisa polo. A Macromedia ficava no meio termo, em geral era camisa social ou polo com o logo bordado e calça social, jeans somente em eventos próprios. Então lá estava eu do passado (ele) “nos panos” com um broche da Macromedia e um broche da Flash Brasil, a empresa dele no bolso da camisa. Ostentava aquilo com o orgulho que um escoteiro ostenta suas medalhas.

Entrei no restaurante logo depois dele, e comecei a bolar uma estratégia de como aborda-lo e sentar com ele para almoçar. Por sorte tinha apenas uma mesa com dois lugares no canto, e perguntei se eu

poderia me sentar com ele. Ele me olhou, olhou ao redor e sinalizou assertivamente com a cabeça. Deixei minha mochila sobre a cadeira e fui me servir, tomei cuidado para não servir exatamente as coisas que eu mais gostava, porque seria uma coincidência estranha levarmos a mesa pratos idênticos.

Esperei ele sentar primeiro, enquanto me lembrava que ao mesmo tempo em que eu o conhecia profundamente, eu era um total estranho para ele, mas que havíamos compartilhado as mesmas histórias e experiências até então, enquanto que ele não sabia sobre o futuro, eu era o futuro dele, resultado de todas as decisões certas e erradas, de todas as experiências, frustrações e vitórias. E fiquei um pouco nervoso com isso novamente...

Me sentei, colocando a mochila no chão, e observei todo o lugar, fingindo nunca ter estado lá, e comentei:

- Bacana este restaurante, comida oriental a kilo, e me parece ser muito boa.

Ele respondeu: - Sim, é muito boa sim.

Lá estava o eu do passado soberbo e fechado, precisava quebrar o gelo pensei rapidamente em algo que ele teria interesse, e sabia que se de alguma forma eu fosse importante para ele, ganharia sua atenção. Valia tudo, até inventar uma mentira, na verdade, eu teria de mentir do início ao fim, para que ele não percebesse que eu era ele do futuro...

Me lembrei de como eu era muito vaidoso, e fingir que o conhecia pela fama é sem dúvida uma estratégia infalível, então eu disse:

- Desculpe, sem querer emplacar o clichê, mas você não me é estranho, tenho certeza que o conheço de algum lugar. Acho que já vi uma foto sua em algum jornal ou revista.

Ele levantou a sobrancelha de uma forma peculiar, e o rosto ficou um pouco erubescido e respondeu:

- É possível sim, já dei entrevista para jornais, revistas e até para a TV.

Eu rapidamente aproveitei a deixa:

- Isso! Você é o cara do Flash né?

Pronto! Agora quebrei o gelo e consegui a atenção dele, como eu era vaidoso... Aproveitei para seguir logo puxando conversa:

- Como você acha que será a internet nos próximos dez anos?

Eu sabia a resposta, mas foi bom ouvir dele:

- Olha, eu acho que a multimídia é o futuro da Internet, hoje temos o Flash que permite criar multimídia eficiente para a Internet. As interfaces serão mais fáceis e simples ampliando o alcance do público. Alias, com uma curva de aprendizagem menor, é fácil prever que pessoas de todas as idades e escolaridade poderão desfrutar da

Internet.

- Eu até escrevi uma matéria recente na Developer's Magazine falando sobre isso, se quiser um exemplar passa no meu escritório que eu te dou um.

Numa primeira reação pensei em passar no escritório e reviver um pouco daquele passado glorioso, mas me lembrei que minha esposa estaria lá, assim como minha sobrinha e meu sobrinho... Vai que um deles me reconhece, como iria explicar isso? Iria impactar a vida de mais gente querida, e desisti, respondendo:

- Ah! Foi você quem escreveu a matéria?! Eu li sim, muito interessante. Você fala inclusive da Copa do Mundo e do portal Globo na Copa né?

Ele abriu aquele sorrisão vaidoso e respondeu:

- Isso mesmo, e você gostou da matéria?

Respondi tentando provoca-lo:

- Muito, adorei a matéria na verdade foi muito interessante sua visão futurista e sua análise de contexto. Só o tempo dirá se você estava certo né?

Ele estava redondamente enganado, no futuro o Flash não existirá mais, e a Internet será engolida por redes sociais, buscadores e comércio eletrônico que usarão a inteligência artificial no núcleo de seus modelos de negócio.

Eu sabia que além do projeto de e-learning, ele estava desenvolvendo um novo modelo de comunidade de usuários, que parecia com o modelo de redes sociais de hoje. E na tentativa de puxar o assunto joguei uma isca:

- Vi que sua comunidade virtual tem mais de 13 mil profissionais de Internet, e meu filho inclusive faz parte do Ultradev Brasil. Ele me mostrou o site e achei muito bacana a idéia de permitir os usuários criarem conteúdos e comunidades.

- Também achei genial a proposta de criar conteúdo personalizado baseado na região do usuário...

Opa! Toma cuidado! Quase que você entrou em aspectos técnicos do projeto, que o usuário comum desconhece, mas sei que ele estava testando a criação de conteúdo contextualizado, de acordo com interesses que o usuário informava no cadastro...

Ele fica surpreso, e depois de engolir um sushi, me responde:

- Verdade, o Ultradev Brasil é um projeto pessoal, mas o desenvolvimento tem me ocupado muito tempo, e estou pensando em fundir os sites Ultradev Brasil e Flash Brasil para rodarem sob uma interface multimídia que minha equipe está desenvolvendo.

Ele faz aquela expressão de soberba, de quem vai se gabar e solta:

- Não posso falar muito porque é segredo, ninguém além da minha equipe sabe disso. Mas estou com um projeto revolucionário. O site parece um sistema operacional, como um Windows, e os usuários podem a partir dos ícones, abrir janelas e interagir com a informação. Acho que vai ser bem interessante!

Apesar de saber que o projeto seria um tremendo fracasso, por ignorar aspectos básicos como acessibilidade e usabilidade, que ele só iria conhecer em abril de 2001 em Nova Iorque, quando será apresentado ao Steve Krug e sua proposta inovadora de usabilidade, comentei:

- Que genial cara! Com certeza vai ser um site bem diferente, mas será que as pessoas estarão preparadas para acessá-lo?

Vaidosamente ele respondeu que sim, e foi levantando da mesa, e eu fui junto, afinal tinha agora de dar um jeito dele pagar meu almoço. Anotei rapidamente

algo em um guardanapo e quando chegamos no caixa eu dei a ele falando, isso é importante... Ele me pediu a minha comanda e falou que seria um prazer pagar meu almoço, afinal a conversa tinha sido ótima. Botou o papel no bolso da calça, pagou as contas e foi embora.

Na verdade não falei nem metade do que gostaria, mas sabia que ele não tinha muito tempo, e não era muito aberto a sugestões e provocações. Foi uma boa experiência, mas muito abaixo da minha expectativa. Espero que ele leia o meu bilhete... Mas pensando melhor, eu acho que fiz uma besteira, não deveria ter escrito aquilo...

7. E agora?

Agora que já havia feito o que acreditava ter sido o meu “propósito” resolvi andar mais um pouco, e caminhando passei a elucubrar novamente... E agora?

Eu tinha o mais valioso ativo que era meu conhecimento do futuro, mas meus cartões bancários, e o dinheiro na minha carteira não poderiam ser usados, e se eu ficasse muito tempo preso no passado? E se eu não voltasse, como iria sobreviver? Onde iria morar?

Poderia me expor como o homem que veio do futuro, tinha provas materiais disto, meu iPhone e meu smartwatch bastariam, provavelmente ficaria rico e famoso se soubesse negociar meu conhecimento do futuro!

Evitaria muitas tragédias do futuro, mas provavelmente criaria novas, por

consequências das informações que eu compartilharia. Poderia mudar completamente o curso da história, da economia, da sociedade, do país, e do planeta.

Mas por outro lado, não poderia deixar de considerar a complexibilidade e o inter-relacionamento de diversos eventos que acabam por produzir mudanças deste tipo. Romper estes ciclos significa também ir contra interesses poderosos, o que poderia ser um risco para mim e minha família. Romper estes ciclos, mesmo os que produzem eventos negativos, significa interromper ciclos que poderiam produzir eventos positivos no futuro. Eventos ruins e tragédias impactam profundamente na cultura de uma sociedade no futuro.

Epidemias produzem prevenção e cura, guerras significam um enorme esforço de paz no futuro... eventos ruins acabam produzindo resultados positivos, eu mesmo não seria quem sou hoje, se minha empresa não tivesse quebrado. Sofri muito nos anos seguintes, uma pressão enorme num momento em que todos te

ignoram, todas as portas se fecham, as cobranças ficam cada vez mais intensas e assustadoras. Não sei como não pirei.

O próprio nascimento é um evento sofrido, você sai por um canal apertado, se torcendo e logo em seguida sente seus pulmões arderem ao entrar em contato com o ar pela primeira vez. Sua mãe também sofre, não só as dores do parto, mas um tremendo desconforto ao longo dos eternos nove meses. No final tudo que temos é uma ternura sem fim e um amor incondicional.

A angustia começou a tomar conta de mim... e foi crescendo, até que comecei a ficar bem nervoso.

Na verdade estava ficando em pânico, estava vivendo a experiência mais incrível da minha vida e agora não tinha a menor idéia de como voltar para o meu tempo. Olhava para o céu em busca de luzes ou nuvens avermelhadas, passei diversas vezes pelo local onde eu havia feito o “salto no tempo”, e nada.

As pessoas já estavam me olhando novamente, eu deveria estar parecendo um maluco, olhando para cima e para baixo e passando compulsivamente pelo mesmo local, indo de um lado para o outro. Quando percebi eu parei e comecei a andar em direção a um bosque próximo.

Chegando lá , me sentei debaixo de uma árvore e comecei a pensar... Bom já que eu tinha chegado neste tempo de forma espontânea, sem a necessidade de nenhum procedimento especial, acho que o retorno deveria ser do mesmo jeito.

Fiquei imaginando minha família, eles iriam carregar para sempre a dúvida, nunca saberiam o meu paradeiro, iriam me procurar por anos. Nunca iriam saber se eu estava vivo ou morto, e nunca mais iriam me ver.

Pensei em correr e procurar o meu eu mais novo e contar pra ele o que aconteceu, ao menos ele poderia deixar uma carta ou notificação do que iria acontecer, que eu teria viajado no tempo e ficado preso no passado, mas que estava

bem. Mas como explicar esta coexistência? Eu e eu mais novo vivendo na mesma época, e nenhum de nós no meu tempo presente.

Instintivamente levantei e fui caminhando contemplativamente para minha antiga casa, estava decidido a passar perto da escola do meu filho, e rever sua versão criança, e quem sabe veria a minha esposa.

Segui caminhando, eram quase quatro quilômetros até o meu destino, então aproveitei para observar tudo pelo caminho. As casas, onde hoje eram prédios enormes, estavam lá. Uma chácara atrás da outra, os velhos botequins, e mercadinhos, aquela simplicidade de uma região quase rural, estavam ali na minha frente mais uma vez. Desci a ladeira que aproximava da minha antiga casa, e o coração passou a bater mais forte, mas percebi que ainda faltava quase uma hora para a saída da escola do meu filho.

Estava determinado a viver os momentos sem me preocupar, saboreando o passado presente na minha frente, usufruindo da oportunidade de observar e sentir, mais uma vez, experiências sensoriais do passado. Muitas irrelevantes, mas que para mim que as revivia, eram espetaculares!

Olhei para a velha padaria rosa, e comecei a caminhar em direção ao meu velho condomínio. A velha ponte, tudo como antes, e chegando lá parei na primeira praça e me sentei em um banco. Peguei um livro na mochila e fingi que o estava lendo, mas estava na verdade observando tudo e lembrando de cada detalhe daquele tempo.

Olhei para os brinquedos e imaginei meu filho lá, como ele gostava de brincar ali, andava de patinete no ringue de patinação e brincava com os coleguinhas de polícia e ladrão, tudo ali na minha frente, para onde eu estava olhando. Cheguei a deixar escapar um sorriso me lembrando da bagunça quando os primos dele estavam lá em casa. Observar tudo isso ao vivo

novamente seria um risco muito grande, mas rever tudo isto, no tempo em que aconteceram, mesmo que na imaginação estava sendo incrível.

8. Riscos memoráveis

Ainda faltava algum tempo, guardei o livro na mochila, olhei em volta e resolvi passar em frente a minha antiga casa. Contemplativamente subi a ladeira observando tudo. As velhas casas, as árvores ainda pequenas, os velhos carros, o cheiro de mato... Curioso como estes detalhes não estavam na minha memória, acho que como passava todos os dias por ali, não percebia as árvores crescendo. Na verdade não percebemos nem as pessoas que estão conosco crescendo e envelhecendo...

Parei em frente a casa de um velho amigo, alias velhos amigos... que gente festeira, que saudade! Me lembrei dos anos 80, como a gente aprontava... Festas nas casas de outros amigos no condomínio, festas onde eu era o DJ, das festas onde éramos todos penetras... Lembrei da

velha Boite na Barra, onde éramos uma espécie de vips, ao menos enquanto a irmã dele namorava com o filho do dono. Todo fim de semana fazíamos o que chamávamos de “A Rota”, iniciávamos na Barra, e a medida que ninguém ficava com ninguém voltávamos para Jacarepaguá, e terminava muitas vezes em uma mistura de restaurante com bar no Catonho, ou numa boite esquisita em Madureira, onde as vezes incorporava o “Argentino”... Cada bêbado tinha seu “personagem”... No fim da noite não podia faltar o velho “X Via 11⁵”, vendo o sol nascer na praia...

Ainda tenho o contato deles, mas praticamente não nos falamos, sem nenhuma razão específica, apenas a vida que seguiu seu curso nos ocupando de novas preocupações, responsabilidades e relacionamentos. Mas amizade é imune ao tempo, esta na hora de quebrar o gelo e rever os velhos amigos enquanto ainda

⁵ X Via Onze era um tradicional sanduíche do trailer Via 11 na Barra da Tijuca, próximo a praça do “O”.

estamos vivos! Minhas elocubrações foram interrompidas quando a mãe deles surgiu na porta envidraçada da sala, ela olhou em minha direção, deve ter achado estranho eu estar parado na frente da casa dela com um sorriso estampado no rosto... Disfarcei e segui em frente... Até parece que sou bom em disfarçar...

Subia em direção a minha antiga casa, me lembrei do tempo que andava de skate, as ladeiras daquele condomínio eram tudo que eu precisava na época, skate e bicicleta eram meus meios de transporte...

Estava chegando perto, cheguei na casa da esquina, antes tínhamos um vizinho festeiro morando ali, agora mora uma coleguinha da escola do meu filho. Percebi que meu coração estava palpitando mais forte, e ao se aproximar da esquina ele parecia que iria sair pela boca de tanta expectativa. Parei um pouco, olhei para o céu azul e respirando fundo fui me acalmando...

Quando tudo parecia normal, continuei minha jornada, e ao dobrar a esquina lá estava ela, minha velha casa, ou melhor, minha velha casinha. O portão verde de ferro, com pontas de lança em ferro fundido... O mesmo portão que meu filho, quando pequeno, passava por baixo para brincar de “fugir”. Olhei para dentro e lá estava minha casinha de madeira, simples, mas cheia de bons momentos e amor.

O gramado verde e razoavelmente aparado conduzia para a piscina, que estava azulzinha. Era uma piscina de fibra de vidro pequena, com pouco mais de três metros de diâmetro, que tinha um banquinho em forma de degrau que era perfeito para sentar e tomar uma cervejinha depois do trabalho, principalmente no calor. As crianças faziam uma bagunça tremenda ali, quanto mais quando eu jogava um pouco de sabão em pó na água. Subia uma espuma enorme e densa, que as crianças adoravam se jogar e assoprar para o jardim... Eu não tinha juízo, nem sei se tenho hoje, e

muito menos as crianças, somos todos crianças desajuizadas...

O coqueiro que ficavam ao lado da piscina estava começando a produzir frutos, e logo adiante estava ela, a frondosa mangueira que abrigava com sua sombra um banco delicioso de sentar. O mesmo banquinho que minha cunhada sentava para pitar seu cigarro, meu sogro se sentava para descansar do almoço, e meu filho usava como trampolim para subir na mangueira. Me deu uma vontade incontrolável de entrar e sentar ali, nem que fosse por alguns minutos. Quando estava para fazer esta bobagem, a babá de meu filho surge na varandinha da casa e começa a recolher os brinquedos espalhados no jardim. Rapidamente me posicionei de modo a não ser visto... quando vi o velocípede tombado perto do portão. Não demorou muito e ela veio caminhando em minha direção, andei para trás e depois resolvi passar caminhando pela frente do portão, e ela já estava carregando o velocípede de volta para casa.

Desci a ladeira e sorrindo ao me lembrar que meu filho descia pela calçada com aquele velocípede “despinguelado”, ele adorava essa sensação, e eu ficava com o coração na mão...

Segui caminhando em direção a escola, mais casas, árvores e detalhes para rememorar pelo caminho. A escadaria que ainda hoje esta do mesmo jeito, o canal que rasgava o condomínio ainda de barro... hoje esta concretado, aberto, mas concretado. A segunda pracinha, com o campinho onde fiz o som da festa junina que nos revelou o “Bodão”. O Bodão era uma pessoa muito simples, na verdade nem sabíamos de onde ele surgiu, chegou lá, subiu no palco, pegou o microfone e começou a cantar Roberto Carlos. Ele se sentia o próprio Roberto Carlos, aquele momento foi triunfal para ele, quanto mais pelos aplausos após a primeira cantoria, e aí ele se empolgou e seguiu com o repertório. Terminou seu show feliz e agraciado, se tornando um dos ilustres personagens na vida de muitos por ali.

Estava sorrindo ao lembrar deste evento, e nem percebi que já estava chegando na porta da escola. Chegando lá decidi me esconder no melhor lugar: Misturado com outros pais e avós que buscavam seus pequeninos, e torcendo para que ninguém me reconhecesse. Esta sem dúvida seria a experiência mais arriscada desta viagem no tempo, pois com tanta gente que me conhecia, alguém de fato poderia me reconhecer...

No meio da multidão estava ela, minha esposa jovem, linda e com a beleza radiante da juventude, apreciei um pouco, enquanto me lembrava de bons momentos... A beleza da maturidade é complexa e sutil, não dá para explicar, mas a intensidade é a mesma, o que muda são os referenciais e detalhes da construção do que chamamos de belo. A beleza e o observador se deslocam ao longo do tempo⁶. Parei de olhar para ela, e fiquei de olho no portão, na expectativa de observar meu filho. Não demorou

⁶ <https://entropia.blog.br/2009/02/04/ensaio-sobre-a-beleza/>

muito e lá vinha ele, saltitante, balançando os cabelos loiros. Que vontade incontrolável de pegar ele no colo e dar um beijo naquelas bochechas rosadas... Nisso ele literalmente me encara, me olha bem dentro dos meus olhos, e em seguida corre para a mãe, que dá um beijo e um abraço, e seguem para o carro. Ele fala o tempo com a mãe gesticulando aqueles bracinhos, não consegui ouvir, mas certamente estava contando as novidades.

Fiquei em estado de graça com aquela cena, lembrar de bons momentos da sua vida é bom, mas poder revivê-los como expectador é mais intenso ainda.

Sentindo aquele calorzinho gostoso do amor, olhei para o céu azul e segui em frente, andando a esmo, estava em estado de graça. Passei em frente a casa de outro amigo, este era parceiro de skate, e depois fomos "sócios" aos 15 anos em uma "Equipe de Som", foi aí que despertei minha paixão pelo trabalho de DJ e operador de áudio. Paixão que cresceu e durou até minha fase adulta onde

abandonei esta velha paixão pela proposta de trabalhar com solidez, dinheiro e status... Jovens e suas decisões impulsivas e futeis. Se eu tivesse voltado no tempo para os anos 80, eu diria a mim mesmo para não abandonar esse sonho, pois iria troca-lo por um punhado de promessas voláteis.

Estava de volta a realidade, mas não conseguia esquecer os olhinhos do meu filho me encarando, e ele gesticulando e falando com a mãe, momento fofura total. Mas aos poucos comecei a ficar angustiado, no início não entendia porque, até que meus olhos marejaram, quando pensei na minha família do meu tempo. Decidi me sentar no ponto de ônibus, e deixei os pensamentos fluírem. Pensei no meu filho, na minha esposa, imaginei a preocupação e tristeza deles com o meu desaparecimento. Com os olhos cheios d'água comecei a balbuciar: Filho... filho... eu mal consegui falar além de um sopro, o coração apertado, nossa que saudade... Eu não conseguia falar, tentei gritar, e parece que nenhum som saía da minha boca, as pessoas passavam e me

ignoravam, como se não estivesse ali...
Eu berrei e nenhum som foi ouvido...

9. Novo despertar

Pensava tanto no meu filho que estava ouvindo a voz dele bem distante: Pai... pai... Eu comecei a responder: Filho.. filho...

A luz muito forte apareceu novamente, mais uma vez, e desta vez tão forte que não conseguia enxergar mais nada além de sua intensidade ofuscante, deve ser a mesma sensação de estar perdido no meio de uma planície coberta de neve, para onde olhava, estava tudo branco, luminoso, ofuscante.

Dai senti alguém pegar no meu braço e ouvi bem mais de perto:

- Pai..
- Pai..
- Pai!
- Acorda pai, acorda.

A luz ofuscante apagou, agora estava um breu tremendo, e aos poucos a escuridão foi diminuindo, e comecei a observar o meu entorno, tudo ainda muito enevoadado, aos poucos tudo foi ficando familiar, minha sala, minha TV, e meu filho e minha esposa me olhavam preocupados, e irritados. E eu assustado e aliviado, a ponto de achar os olhares deles me julgando, um sentimento bastante reconfortante, muito reconfortante.

Mas ainda estava muito confuso, tudo pareceu ter sido muito real para ter sido apenas um sonho, eu tenho certeza de ter vivido aquilo. Mas minhas reflexões foram logo interrompidas pela voz do meu filho.

- Pai, fiquei preocupado, você estava se mexendo no sofá e depois começou a me chamar, achei que estava passando mal.
- Não filho, agora esta tudo bem, tudo ótimo.

Minha esposa me olhou com cara de reprovação, e falou:

- Eu já te falei para não comer muito e dormir em seguida, você quase se matou em cima de um prato de feijoadada, deixou o prato na mesa e caiu no sofá, tá na cara que teria pesadelo...

Fiquei olhando para minha esposa e meu filho e disse várias vezes que os amava muito, que por um minuto no meu sonho achei que nunca mais iria vê-los. Eles me olharam com aquela cara de quem pensa “menos né, menos...”, o coração palpitava de alívio, levantei e os abracei forte, e prometi me cuidar mais, e que não queria mais passar pelo que passei.

Meu filho dizia que havia sido apenas um sonho, e aí comecei a contar a história para eles, a cada momento, me olhavam como se eu estivesse descrevendo um dos delírios mais bizarros, a começar pelo céu rosado... Minha esposa me interrompe e aponta para a varanda... o céu estava bem rosado igual ao meu sonho... Olhei a parede da sala, e estava rosada, corri para a varanda, tudo rosado, idêntico ao que já

havia ocorrido... ou ao menos, o que eu achei que tivesse ocorrido.

Olhei para eles e pedi, por favor, amanhã ninguém sai de casa tá?

Me olhavam incrédulos, eu já estava me convencendo que havia mesmo sido um sonho, daí olhava para a varanda e lá estava o céu rosado, olhava para eles e percebia que estavam achando a história interessante, mas muito imaginativa.

Só pode ter sido um sonho, pensei, mas qual a explicação? Eu estava o tempo todo no sofá, como poderia ter ido ao médico e aquilo tudo ter se desenrolado? Na verdade não tenho nenhuma consulta marcada, tenho até evitado ao máximo sair de casa por causa da pandemia.

Realmente só pode ter sido um sonho, realista demais, mas foi apenas um sonho...

Os barulhos sumiram!

A última coisa que ouvi foi minha esposa me chamando para ver o céu na varanda.

Não se ouvia nenhum som, estávamos os três na varanda, apreciando aquele espetáculo. Cada detalhe como descrevi anteriormente. O silêncio total, tudo rosado no entorno, maritacas silenciosas. A mesma configuração no céu que parecia um portal e aurora boreal rosada.

Cada detalhe era o mesmo que eu havia vivido, só que desta vez estávamos todos juntos na varanda, na verdade nos quatro, porque nosso cachorro veio juntar-se a nós.

Ao fim, todos batemos palmas, tinha gente assoviando, o mundo foi “desmutado” e todos os barulhos voltaram, carros, sinaleiras, latidos, crianças gritando, tudo normal.

Eu ainda confuso, nunca havia imaginado um “dejavue” tão rico em detalhes assim, vivi cada detalhe do que já havia vivido, e isso me deixava confuso e incrédulo. Afinal eu vivi ou não aquela experiência

toda de viagem no tempo? Porque pude vivenciar o espetáculo celestial e sua reprise?

Mas foi tudo muito real, não poderia imaginar um sonho tão detalhista assim, eu li, toquei, senti o cheiro e o sabor das coisas. Não pode ter sido um sonho, mas como fui transportado de volta? Será que houve algum transporte? O que foi transportado? Eu, ou somente a minha consciência?

Estava tão compenetrado nas minhas reflexões que só percebi que minha esposa estava me chamando quando ela me tocou.

Ela estava me chamando para assistir o jornal na TV, que estava falando do fenômeno deste entardecer. Eu ouvi a mesma narrativa do fenômeno inexplicável, que os cientistas estavam estudando o evento, e não sabiam explicar ainda, que só ocorreu na América Latina e por isso poderia ter relação com a anomalia magnética do Atlântico Sul... E obviamente falaram da percepção de

ausência de som, mas sem uma explicação plausível. Comentaram as teorias conspiratórias que surgiram sobre portal dimensional, invasão alienígena, e como não poderia faltar, o fim do mundo.

Na hora do intervalo, os mesmos anunciantes de sempre, aproveitei para pegar um copo d'água, e quando eu voltava da cozinha, apareceu um comercial na TV, que me chamou a atenção por alguma razão.

Era um comercial sobre uma mega magazine, não me lembro de ter visto este anunciante antes, mostrava carros, produtos de todo tipo, era algo grande que vendia de tudo, e no final a logomarca e o slogan: Ed Mais Magazine, onde seu sonho pode virar realidade.

Ja estava todo molhado do copo que deixei tombar, e como se não tivesse confuso, agora estava perplexo. Tinha certeza que minha vida tinha dado um “plot twist”.

Olhei para minha família e comentei não lembrar desta loja, minha família me olhou preocupada...

- Como assim você não lembra? Foi lá que compramos esta TV.
- Acho que você precisa investigar este seu esquecimento, lembre que suas tias tiveram Alzheimer!

Minha esposa continuou:

- Foi você mesmo quem disse que ele ficou bilionário por ser um dos primeiros a minerar Bitcoin.

Será que é o Edinho segurança? Não pode ser, tem tanto Edinho por aí, deve ser coincidência.

- Você falou que ele era segurança no prédio que tínhamos um escritório...

A partir daí eu gelei, e não ouvia mais nada, afinal eu não tinha sonhado, aquela viagem no tempo realmente aconteceu, eu me lembro, depois de tanto titubear, acabei escrevendo um bilhete num

guardanapo que entreguei na mão do meu eu do passado:

*“Quando surgir o bitcoin,
minere o máximo possível,
invista nisso que o retorno
será garantido”*

Se não estamos bilionários, ele só pode ter jogado fora, arrogante como era, não deve ter dado importância ao bilhete, e o jogou fora antes de entrar no elevador...